

O ENSINO DA ARTE E O DESENVOLVIMENTO HOLÍSTICO DA CRIANÇA

Gabriela Lorençon Girardi¹; Giani Peres Pirozzi^{2*}

¹ Graduanda em Pedagogia, Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio – CEUNSP; ² Esp. UNICAMP, docente do curso de Pedagogia do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio – CEUNSP. Itu/SP.

* autor correspondente: profgiani12@gmail.com

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo a realização de análises bibliográficas que discorram sobre temáticas voltadas para o ensino da Arte, formação de professores, metodologias ativas de ensino, a curadoria e o ensino holístico, visando compreender como esses elementos de forma conjunta, poderiam auxiliar no desenvolvimento integral da criança. A partir dessas leituras pode-se notar que existe a possibilidade de um ensino que vise o aluno como protagonista da sua aprendizagem, no qual o professor é um mediador-curador que proporciona para o seu educando, por meio do contato com a Arte, o desenvolvimento do senso crítico, analítico, a vivência e a fruição cultural, agregando um leque enorme de conhecimentos práticos a sua vida. Entretanto, é possível notar também a necessidade de respaldo ampliado para esses profissionais, em forma de documentações, legislações, diretrizes, aplicações práticas, como, por exemplo, materiais didáticos e locais adequados para o ensino, além de outras questões que já permeiam o ambiente escolar, como remuneração, formação continuada e uma base sólida para os educadores atuarem.

PALAVRAS-CHAVE: arte; curadoria; holístico.

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho tem por objetivo a revisão bibliográfica de artigos científicos que explorem o conceito de Arte, a relação entre ensino e aprendizagem, o desenvolvimento infantil e as legislações que fundamentem o direito da criança e adolescente de receber uma educação integral, no sentido mais amplo da palavra, como, por exemplo, a LDB 9.394/96 e a Constituição Federal (1988).

Entende-se que parte importante desse artigo é a articulação que ocorre de todos esses conceitos, para que se possa pensar em uma educação de qualidade, voltada para o desenvolvimento da autonomia e do senso crítico nos educandos.

Buscou-se por meio de explanações de metodologias e abordagens, conceituar teorias efetivas de ensino que

englobem o desenvolvimento holístico, olhar afetivo e ampliado para o educando, que possam ser adaptadas e replicadas no dia a dia da sala de aula, como, por exemplo, a abordagem triangular de Ana Mae Barbosa, que enfatiza o ensino básico crítico e ressalta a importância de um ensino contextualizado.

Por se entender a relevância e a possibilidade de se sofrer influências desde o nascimento, de convenções artísticas e culturais, sejam elas de qual tipo forem, por todo ser humano, se compreende como extremamente necessário que esses conceitos, desde a primeira infância, sejam trabalhados de maneira crítica no ambiente escolar, por isso, concebe-se a Arte como instrumento a ser mediado pelo educador dentro do processo de ensino e de aprendizagem.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) descreve sobre

“intencionalidade educativa”, as propostas que visam promover no educando experiências práticas que permitam que o mesmo possa desenvolver conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre a natureza e sobre a cultura. Por exemplo, a partir do lúdico, caberá, portanto, ao educador organizar, filtrar e desenvolver projetos que propiciem esse tipo de atividade ao aluno, com o objetivo de ocorrer o desenvolvimento pleno da criança. (BNCC, 2018, p. 39).

Segundo Sans (2007, p. 17) apud Silva e Lira (2017, p. 3) quando se remete à educação para formar um cidadão, é válido que se tenha em mente que a cultura que o cerca poderá ser fator de influência e deve ser componente dessa construção de conhecimento, pois a cultura faz e sempre fará parte da história desse estudante. Se o ensino for descontextualizado poderá se tornar inválido, pois o aluno poderá apresentar dificuldade em conseguir atribuir sentido aos conteúdos que lhe foram ensinados.

Em um mundo globalizado acaba por ser notável a possibilidade de se sofrer influências por tendências midiáticas, sendo elas positivas ou negativas. A relação que a sociedade tem com essas tendências precisa ser discutida e levada para dentro da escola, pois podem ser fatores que auxiliam de alguma forma no desenvolvimento saudável ou não de crianças e adolescentes.

Portanto, o ensino da arte carece de ser caracterizado por objetivos que visem ampliar o olhar dos educandos, favorecendo que sua criticidade possa ser explorada e ele tenha condições de analisar o que assiste, escuta e consome de modo geral.

Segundo Silva e Lira (2017, p. 3) a arte representa papel fundamental para que se possa desenvolver repertório de criticidade nas crianças, principalmente na educação infantil. É através dela que os alunos terão contato com reflexões

que envolvam sentimentos, valores e emoções que estão em seu cotidiano e podem eventualmente passar despercebidas.

A arte não pode ser vista somente como o ensino de produções artísticas sem influências e contextos, mas precisa ser vista como uma disciplina extremamente relevante para o desenvolvimento de repertórios positivos, como, por exemplo, o desenvolvimento saudável de sentimentos e emoções, aprender a olhar com criticidade aspectos sociais e políticos, a compreensão das culturas existentes e uma visão humanizada das relações interpessoais e da intrapessoal também.

Para isto, foca-se no ensino de arte na educação infantil, o qual possibilita a criança desenvolver sua criatividade, singularidade e, sobretudo que o professor reconheça-se como mediador do conhecimento na construção de um ensino de arte voltado para a formação humana dos sujeitos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (SILVA; LIRA, 2017, p. 2).

Aspectos que envolvam a Arte são facilmente encontrados em nosso cotidiano. Dessa forma, a BNCC traz cinco campos de experiências¹ que propiciam o acolhimento e o contato com situações e experiências que de fato ocorrem na vida cotidiana das crianças (BNCC, 2018, p. 40). Esses campos são vistos como primordiais no ensino, porém, a maneira como o educador irá perpassar por eles poderá trazer aprendizados e qualificações que favoreçam relações intra e interpessoais, além de possibilitar o desenvolvimento e o conhecimento artístico de seus estudantes.

Outro fator relevante é que como a prática também estará presente, o que for aprendido ficará mais “palpável”, facilitando então que o estudante possa

¹ Os 5 campos de experiências são: o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas;

escuta, fala, pensamento e imaginação; espaço, tempo, quantidades, relações e transformações.

transferir esse aprendizado para outras áreas da sua vida, indo além dos muros da escola.

Faz-se mister uma formação acadêmica que contribua com uma postura profissional crítica, criativa, curadora e mediadora do aprendizado, que estimule habilidades para que haja o desenvolvimento holístico, isto é, integral, em todas as dimensões humanas – cognitivo, afetivo, social e motora, além de metas que favoreçam um desenvolvimento saudável, rechaçando o prosseguimento de criação de massas de manobras dentro da sociedade, passando o “conteúdo da arte” como conteúdo acrítico, esquecendo toda a responsabilidade crítica e reflexiva presente na Arte.

Segundo Guará (2009, p. 65) apud Brandão (1985), em meio à sociedade em que vivemos é praticamente impossível escapar da educação, seja aonde for, em diversas situações, o ciclo de ensinar e aprender sempre está acontecendo e a partir disso a vida se mistura com a educação, em uma eterna constante.

2 HISTÓRIA DA ARTE

Para que se possa dissertar ou compartilhar sobre alguma temática de pesquisa, se faz necessário que se entenda, de forma contextualizada, o assunto a ser tratado, por isso compreende-se como importante neste estudo, uma breve retomada histórica sobre aspectos que envolvam a Arte.

A autora Ana Mae Barbosa (2012, p. 20) em seu livro *Arte-Educação no Brasil*, relata que em 1816 D. João VI criou o ensino artístico no Brasil, o mesmo determinou que no Rio de Janeiro houvesse a fundação de uma escola de Ciências, Artes e Ofícios, enfatizando a necessidade do auxílio da estética para aproveitar produtos, visando o crescimento econômico do país.

O século XX se inicia com diversas argumentações que tinham como foco

demonstrar e firmar a Arte, ou melhor, o Desenho como importante linguagem da ciência e da técnica. “Educar o “instinto da execução” para que este não fosse empecilho à objetivação da invenção era o princípio básico que repercutiu profundamente na metodologia do ensino da Arte no século XX” (BARBOSA, 2012, p. 61).

Segundo Peres (2017, p. 26-27), em 1971 foi criada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1º e 2º Grau nº 5.692/71 que tornou obrigatório o ensino de Arte em escolas primárias e secundárias, apesar de democratizar o acesso, houve o esvaziamento do seu teor crítico e reflexivo, a Lei abarcou também sobre a característica de formação e de ação polivalente do professor, que precisava trabalhar com Artes Cênicas, Artes Plásticas e Música, mesmo sem ter formação para tal.

Por se tratar de um período militar, disciplinas como História e Filosofia foram retiradas da escola, restando então à Arte como campo de espaço para uma pequena abertura criativa e alguns estudos sobre Ciências Humanas.

Nessa mesma época, o movimento que ficou conhecido como “Movimento Escolinhas de Artes” estava se disseminando por todo o país, com cursos de Arte para crianças e adolescentes e oficinas de arte-educação para professores e artistas (BARBOSA, 1989, p. 170).

Vale ressaltar que em 1973 foi criado um novo curso universitário para professores da disciplina de Educação Artística, porém, em apenas dois anos de estudos, o profissional deveria sair capaz de lecionar música, teatro, artes visuais, desenho, dança e desenho geométrico, tudo ao mesmo tempo.

Em 1982, foi formada a primeira associação de arte-educadores do Estado de São Paulo (AESP), já em 1987 devido a criação de várias associações foi criada a Federação Nacional dos Arte-educadores do Brasil – FAEB (PERES, 2017, p. 26).

Falando sobre a Constituição de 1988, a autora Ana Mae Barbosa (1989, p. 173) diz que é uma conquista para os arte-educadores que pressionaram e persuadiram alguns deputados para que a Arte fosse mencionada de forma mais coerente, além de determinarem conceitos importantes que a envolvam, como o de liberdade para aprender e ensinar, e sobre disseminar pensamentos, arte e conhecimento.

Apesar dos arte-educadores terem uma atuação bastante ativa e consciente, sua formação acadêmica na maioria das vezes era fraca e superficial, deixando a desejar no que diz respeito a arte-educação e a Arte.

Segundo Barbosa (1989) os cursos rápidos não são suficientes para preparar os professores universitários que iriam ensinar aos futuros professores de Arte como lecionar as linguagens artísticas, por isso existe essa defasagem.

Como resultado, nós temos professores dando aulas de Arte que nunca leram um livro sobre arte-educação e pensam que arte na escola é dar folhas para colorir com corações para o Dia das Mães, soldados no dia da Independência, e assim por diante (BARBOSA, 1989, p. 174).

Segundo Pimentel e Magalhães (2018, p. 224) na LDB nº 9.394/96 a Arte passou a ser componente curricular, sendo tratada, portanto, como campo de conhecimento específico. Essa alteração ocorreu pela pressão do movimento político das Associações Estaduais de Arte/Educação, por intermédio da Federação de Arte/Educadores do Brasil – FAEB, que não mediu esforços para a permanência e obrigatoriedade do Ensino de Arte na Educação Básica.

Um grande avanço pós LDB foi a criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN – Ensino Fundamental e Médio). É importante ressaltar que a participação de arte-educadores foi

determinante para que fosse criado e escrito um livro próprio da área de Arte, contendo projetos educativos, planejamento de aulas e propiciando a reflexão sobre a prática educativa (PERES, 2017, p. 27).

No ano de 1998, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), foi redigido como um orientador de conteúdos e objetivos de aprendizagem e representou um grande avanço para a época, o documento está organizado em eixos, que precisam ser considerados de forma integrada, devido à temática dessa pesquisa, vale ressaltar dois desses eixos, Artes Visuais e Música (TREVISAN, 2021, p. 1).

Já em 2015, iniciou-se o processo de elaboração da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) com objetivo de ser um material orientador da Educação Básica, possibilitando a democratização e modernização do ensino, nesse documento os conteúdos selecionados devem ser apropriados pelos alunos durante sua trajetória educacional. Entretanto, a divulgação da primeira versão do documento da BNCC, ocasionou uma grande preocupação dos Arte-Educadores brasileiros, pois o Ensino de Arte perde a posição de área e é alocado na área de Linguagens, junto às disciplinas de Língua Portuguesa, Língua Estrangeira e Educação Física (PERES, 2017, p. 27).

Cabe destacar ainda sobre o componente Arte, que desde a escrita dos Parâmetros Curriculares Nacionais, é dividido em linguagens artísticas, sendo elas: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, essa divisão permanece agora na BNCC. Segundo o PCN, essa divisão acontece de modo que abranja todas as linguagens artísticas, incluindo valores, normas e atitudes que se entendem como relevantes no âmbito educacional e que permitam a ampliação da ação escolar (PCN, 1998, p. 51).

Vale ressaltar que esses conteúdos não devem ser entendidos como de

controle ideológico ou de comportamentos, a ideia é que ocorra o inverso disso, uma mudança do olhar do aluno perante questões sociais, relações intersubjetivas, com a ideia central de humanização da ação do aprender (PCN, 1998, p. 51).

O modelo presente tanto no PCN quanto na BNCC acaba por dar margem a diferentes interpretações, pois através dessa fragmentação das linguagens pode haver a consideração de uma sobreposição, na qual uma linguagem pode acabar, sendo considerada inadequadamente, como de maior valor em detrimento da outra. Isso pode ser atribuído também à formação específica e familiarização de alguma linguagem por parte dos professores. Por exemplo, o professor formado em artes Visuais, tende a dar mais ênfase nesta linguagem, ao invés do teatro, da dança e da música.

3 A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE ARTE

Quando o ensino de arte está em pauta, seja em qual contexto for, mas principalmente no escolar, é preciso atentar-se à importância do profissional que irá partilhar esse conhecimento artístico, e se o mesmo consegue estabelecer contextualizações para que a aprendizagem seja significativa.

Infelizmente o processo de ensino e de aprendizagem ainda é visto numa perspectiva tradicional: muitos professores transmitem seus saberes através da linguagem escrita e/ou verbal e utilizam as imagens apenas como ilustração, como recurso facilitador, de uma forma premeditada e não “aberta” com os alunos.

É de extrema importância que o profissional que decide por estudar Arte, para se tornar um professor, tenha em mente a amplitude desse fazer, que contempla questões relacionadas ao pensamento, a sensibilidade e a emoções que corroboram para a criação.

[...] as novas orientações educativas, incluindo a arte, estão conectadas com as mudanças, propondo encaminhamentos que consideram o ser humano em seus aspectos singulares e múltiplos, consciente de sua condição como cidadão do planeta, mas também preparado para as transformações e para ser transformador e integrado em sua cultura (FERRAZ; FUSARI, 2009, p. 38 apud MOREIRA, 2015, p. 41).

O mundo atual está em constante mudança, portanto quando se tenta compreender uma obra de arte, um quadro ou um poema, por exemplo, é de grande importância que esses itens sejam contextualizados, tem de se compreender o momento histórico, as relações sociais e políticas da época, quem foi o autor/artista do elemento a ser analisado, sendo a contextualização uma parte do tripé que contempla a Abordagem Triangular criada pela educadora Ana Mae Barbosa, onde o conhecer, o fruir (apreciar) e o fazer/vivenciar são também elementos fundamentais.

A Abordagem Triangular se referiu à melhoria do ensino de arte, tendo por base um trabalho pedagógico integrador, em que o fazer artístico, a análise ou leitura de imagens (compreendendo o campo de sentido da arte) e a contextualização interagem ao desenvolvimento crítico, reflexivo e dialógico do estudante em uma dinâmica contextual socio-cultural (SILVA; LAMPERT, 2017, p. 90).

É válido ressaltar que a arte por não ser “cobrada”, por exemplo, em exames nacionais, corre o risco de ficar ainda mais marginalizada, em última esfera diante da hierarquia dos saberes escolares. Contudo, ressalta-se que a arte possibilita as diferentes interpretações, fazer inferências, compreender contextos históricos, articulando outros saberes.

Isso pode afetar diretamente inclusive a questão de contratação dos

profissionais atuantes dessa área, gerando até a não necessidade de contratação de professores bem capacitados para tal disciplina. Aqueles que vão lecionar sem essa formação poderão reduzir ainda mais o ensino de Arte para recreação/decoração/artesanato, sendo a mesma lembrada muitas vezes, somente em datas festivas, podendo até ser vista, de modo equivocada, como uma disciplina que não deve ser levada “tão a sério”.

O professor que decide por lecionar dentro do contexto artístico, precisa ter em mente que jamais poderá ignorar três aspectos fundamentais, sendo eles: a criação, a percepção e a contextualização histórica, pois se algum desses não for considerado dentro do ensino, a subjetividade poderá ser suprimida, além da defasagem com questões criativas e que envolvam a diversidade podem ocorrer. Por isso e por outros motivos é que segundo Arroyo (2013, p. 51) apud Peres (2017, p. 33-34) estamos caminhando para a construção de um currículo e uma docência sem liberdade, sem possibilidade de ousadias criativas.

Entende-se que a análise do desenvolvimento profissional deva ser algo constante e quando se busca suportes teóricos para se basear, é importante que se tenha em mente o contexto em que se trabalha, as influências sofridas e o público à qual se atende, por isso não se pode acreditar em “receitas prontas”, mas sim em concepções e ideias que façam refletir, entreter e fruir.

Um exercício de olhar para nós mesmos e pensar nossa prática olhando também para ações de outro, em reflexões que nos alimentam como professores-pesquisadores (FREIRE, 1991 apud MARTINS, 2006, p. 2).

Pensando sobre a formação e atuação do educador, principalmente dentro do contexto da Educação Artística e entendendo a importância de se deixar a educação tradicional no passado, duas alternativas ou possibilidades de ensino

podem ser citadas, a curadoria e o ensino holístico.

Ressalta-se que essa abordagem holística é completamente oposta à educação bancária (tradicional e fragmentada), mas prima por um ensino integral e conta com os princípios da curadoria por parte dos docentes.

3.1 Curadoria

É visível que o modelo tradicional de ensino que contempla a maioria das escolas, já não faz mais sentido, principalmente dentro do meio educacional que tem como perspectiva e objetivo principal o desenvolvimento do protagonismo do educando, sua autonomia e condições para que sejam elaboradas questões relacionadas à cognição, ao meio social e a aspectos físicos, possibilitando então que ocorra um desenvolvimento de maneira integral.

Porém, seria incongruente só relatar esses fatos e deixar que os professores atuantes deem algum jeito de modificar essa metodologia tradicional, que em alguns momentos ainda prevalece. É por isso que essa pesquisa traz formas alternativas ao modelo tradicional, como as metodologias ativas (o estudante como protagonista), que usufruem de diferentes estratégias de ensino centradas no estudante e não, exclusivamente, no papel do professor.

Quando o professor assume o papel de curador da aprendizagem em sala de aula, precisa compreender sua função de ampliador de repertório cultural. Além disso, deve primar para que os estudantes não sejam sujeitos passivos no processo de aprendizagem, mas que sejam ativos e que reflitam sempre sobre as aulas, sobre a cultura e a sociedade.

O professor curador é o par mais experiente que ampliará o repertório cultural dos estudantes, a partir de conhecimentos prévios já existentes. Esse professor assume o papel de “ponte”, que servirá como medida de promoção de conhecimento; é um *estar entre*

(MARTINS, 2006, p. 12). Como fundamentação da importância dessa relação entre professor e aluno, caberia mencionar aqui a teoria de sociointeracionista de Lev Vygotsky, que segundo Ferrari (2008, p. 3):

O ensino, para Vygotsky, deve se antecipar ao que o aluno ainda não sabe nem é capaz de aprender sozinho, porque, na relação entre aprendizado e desenvolvimento, o primeiro vem antes. É a isso que se refere um de seus principais conceitos, o de zona de desenvolvimento proximal, que seria a distância entre o desenvolvimento real de uma criança e aquilo que ela tem o potencial de aprender – potencial que é demonstrado pela capacidade de desenvolver uma competência com a ajuda de um adulto.

Segundo Paganotti (2011, p. 2), quando existe essa visão de troca de experiências, entre os componentes da sala de aula, o professor, consegue trabalhar dentro da ZDP (zona de desenvolvimento proximal) de cada aluno. “Por um lado, o aluno menos experiente se sente desafiado pelo que sabe mais e, com a sua assistência, consegue realizar tarefas que não conseguiria sozinho. Por outro, o mais experiente ganha discernimento e aperfeiçoa suas habilidades ao ajudar o colega”.

O professor curador propiciará o encontro entre a obra e o educando, mas a experiência será totalmente do aluno que poderá tirar suas próprias conclusões sobre o que lhe foi apresentado. Cabe ao professor ficar atento ao seu papel e também se permitir, pois as experiências geradas pela mediação cultural o afetaram também.

Paulo Freire (1978) apud Martins (2006, p. 6) diz que nas relações entre o educador e os educandos, mediatizados pelo objeto a ser desvelado, o importante é o exercício da atitude crítica em fase do objeto e não o discurso do educador em torno do objeto.

Vergara (1996, p. 243) apud

Martins (2006, p. 4) apontam que a curadoria educativa tem como objetivo:

explorar a potência da arte como veículo de ação cultural. (...) constituindo-se como uma proposta de dinamização de experiências estéticas junto ao objeto artístico exposto perante um público diversificado.

Além disso, um ponto importante a ser citado é a questão da fruição, não somente pela imagem ou obra apresentada e sim pela consequência de sua apreciação, podendo gerar pensamentos e reflexões tão amplos que englobem inúmeros conceitos relacionados à vida de forma integral.

Quando se trata de realizar uma curadoria educativa é necessário pensar que as escolhas das obras de arte têm de ter por objetivo a questão do explorar a potência da Arte, no sentido que ela seja algo que proporcione ação cultural.

Nesta analogia entre ambos e suas funções, realizar uma curadoria educativa é saber fazer escolhas de obras de arte com o objetivo de explorar a potência da arte como veículo de ação cultural. O curador tem a função de tornar a arte acessível a um público diversificado para dinamizar a relação entre arte/indivíduo/sociedade, da mesma forma o professor neste papel, articulando arte, aluno e sociedade (CAVA e BATINI, 2014, p. 280).

Como já fora abordado, Barbosa (op.cit.) formulou a Abordagem Triangular, essa proposta diz respeito à construção e desenvolvimento de conhecimentos com base em três pontos principais, o ler, o fazer e a contextualização, considerando a realidade dos estudantes.

Com o objetivo de gerar conhecimento a partir desses elementos, desenvolver senso crítico e de análise, para que o aluno possa se desenvolver física, cognitiva e socialmente, levando sempre em conta relações sociais, políticas e econômicas que envolvam a vida do

educando, podendo a curadoria ser entrelaçada a essa abordagem, causando um impacto positivo ainda maior na aprendizagem do alunado.

O curador deve deixar a Arte acessível para qualquer público, pensando nessa população como a mais diversificada possível, já quando se trata do professor-curador, ele torna-se responsável pela articulação da arte com o aluno e com a sociedade (CAVA; BATINI, 2014, p. 279). Desse modo, selecionando, pesquisando, indicando e mediação as relações entre a arte e o público, o professor curador contribuirá com a ampliação do arcabouço cultural dos estudantes e de toda comunidade escolar.

3.2 Educação holística

Diante das perspectivas educacionais, o ensino holístico vem em uma crescente significante, então, é de grande valia, verificar as possibilidades que existem da educação ter por base o ensino holístico desde o ensino infantil, priorizando o desenvolvimento do educando de modo que suas competências sejam trabalhadas e reforçadas, visando sempre à formação plena do indivíduo, em seus aspectos afetivos, cognitivos, motores e sociais.

Segundo Guará (2009, p. 66) o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) afirma que a criança e o adolescente estão passando por uma situação peculiar, a de estar em desenvolvimento, e por esse motivo precisam de uma forma específica de proteção, que diz respeito a direitos que priorizem a segurança de uma plena formação, e que contemple à educação em seu sentido mais amplo.

A educação holística é uma prática pedagógica que visa proporcionar literalmente uma visão do todo, segundo Tavares (1994) apud Alves (2016, p. 2), tudo o que constitui a Terra são considerados “todos” em relação as suas partes, porém, fazem parte também de “todos” maiores, estando tudo interligado, e isso

é o princípio da compreensão do que seria o holismo.

Corroborando com a abordagem holística, integral, o trabalho com a arte precisa ser realizado em suas diferentes perspectivas, conhecendo, fazendo e apreciando, de acordo com o tripé da arte.

Vale dizer também que é uma proposta transformadora, sendo também capaz de reconhecer as potencialidades dos educandos, como o pensamento inteligente e a criatividade, trabalhando com o autoconhecimento, tendo como meta a formação individual e coletiva, de acordo com a realidade de cada um. A base desse ensino holístico se dá através de experiências, sempre respeitando questões emocionais, de cognição, físicas e espirituais, potencializando a autoestima e as responsabilidades que competem ao processo de desenvolvimento.

A relação do holismo com a ciência e a educação, corresponde ao envolvimento de todos num processo educacional espiritualizado, estimulando-se os sentimentos de compaixão, esperança e contemplação pelos mistérios da vida, uma energia vitalizada, envolvendo intelecto, emoções e força física (TAVARES, 2000 apud ALVES, 2016, p. 3).

Pode-se dizer que num modelo tradicional além da fragmentação das disciplinas, existe uma fragmentação do aluno, o mesmo não é visto de modo que o contemple inteiramente, na aula de Matemática, por exemplo, ele é o aluno “x” que está aprendendo a somar.

Mas para que esse determinado aluno precisa aprender a somar? Qual é a influência da soma em seu repertório cultural já existente? Qual o sentido que ele coloca para tal aprendizado?

O ensino com base holística busca responder essas questões e o estudante não será apenas mais “um” aluno aprendendo a tal da “Matemática”, será um aluno, aprendendo e adquirindo

conhecimentos que de algum modo possam acrescentar qualidade em algum aspecto elementar da sua vida, como, por exemplo, a perspectiva de um emprego como contador, ou então, auxiliar sua mãe na organização das finanças da casa onde vivem, isto é, primando pelo aprendizado significativo.

O educador precisa buscar a união da prática com a teoria, a tão almejada práxis pedagógica, para tornar aplicável dentro do contexto de seus educandos o conteúdo que ensina, visando não somente a aula por si só, mas uma prática significativa que, de fato, agregue conhecimento a quem ensina e a quem aprende.

4 ARTE NA SALA DE AULA

Entende-se que seja de suma importância a reflexão sobre a Arte como elemento essencial do processo ensino-aprendizagem, sendo trabalhada na perspectiva das metodologias ativas, que evidenciam o papel do educador como mediador, deslocando-o de seu papel de “detentor do saber” e realocando-o como investigador das necessidades de seus alunos e reforçador das habilidades e competências dos mesmos.

Além de que segundo Moreira (2015, p. 46) cabe ao professor de Arte compreender a finalidade e os objetivos do ensino, para que quando estiver dentro de uma instituição de ensino, usufruindo de sua disciplina, possa ser um mediador desse processo de evolução que visa mudar esse sistema vicioso e que está estagnado.

Segundo Silva e Lira (2017, p. 3) a Arte representa papel fundamental para que se possa desenvolver um repertório de criticidade nas crianças, principalmente na Educação Infantil. É através dela que os alunos terão contato com reflexões que envolvam sentimentos, valores e emoções que estão em seu cotidiano e podem passar despercebidas

algumas vezes.

Martins (2006, p. 9) expõe de forma mais específica sobre as imagens, argumenta que elas frequentam a sala de aula, porém são convidadas tímidas, que permanecem ao lado de textos ou conteúdos, e esses sim são os visitantes relevantes, vale dizer que além das imagens tímidas, temos os objetos que são mais tímidos ainda.

Fioravanti (2006, p. 13) aponta a importância de se trabalhar em sala de aula com objetos do cotidiano do aluno e não somente com obras consagradas, muitas vezes dando evidência para aquilo que passa despercebido no cotidiano.

Para Ferraz e Fusari (2009, p. 119) apud Moreira (2015, p. 38),

a educação pela arte – é o único processo educacional realmente eficaz – ensina sem dúvida à criança não temer as emoções, permitindo ao contrário que elas aflorem e desabrochem. Seu coroamento só se completa quando nele se encontram, como os seus componentes principais, o poder de visualização global das coisas e um pensamento condutor, coerente e racional, quer dizer, estético.

O papel elementar da Arte dentro da sala de aula só de fato acontece quando o aluno se desenvolve e se capacita para compreender e entender de maneira criteriosa o que está lhe sendo apresentado, e mais que isso, quando ele consegue transferir esse conhecimento para o seu cotidiano, passando a analisar de forma crítica tudo aquilo que lhe é apresentado.

É válido ressaltar que quando se fala de um olhar crítico, não é no sentido de criticar tudo que se vê ou ouve, mas sim, ter sensibilidade para administrar e analisar tudo que se consome, por diferentes meios, não “aceitando” de modo muitas vezes até inconsciente o que é imposto pela sociedade.

Pode-se dizer então que quando

essa ativação cultural acontece, o educando torna-se protagonista e responsável, de forma consciente por suas escolhas, e isso dificulta a sua inserção de maneira negativa em uma cultura de massa que na maioria das vezes nos é imposta.

Dentro da perspectiva das metodologias ativas é possível pensar em estratégias como: PBL – aprendizagem baseada em problemas, para estimularem os estudantes a refletir, descobrir, criar, inovar, outras metodologias como aula invertida, gamificação, projetos, entre outros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das análises feitas nesse artigo, pode-se compreender de maneira efetiva o impacto que o ensino da Arte tem tanto nos educandos, quanto nos educadores, deixando marcas significativas na sociedade de modo geral. Portanto, cabe ao professor, tomar consciência do seu papel, se preparar de maneira adequada para que seja de fato um auxiliador no desenvolvimento e na manutenção dos saberes que seus alunos irão contemplar em sala de aula.

É preciso garantir um respaldo a esses profissionais, com políticas públicas efetivas, com apoio das legislações e dos documentos norteadores que fundamentam a prática de uma boa educação.

Compreender a importância da Arte para a construção de uma sociedade na qual as pessoas desenvolvam o senso crítico e analítico, tenham a ativação cultural mediada por meio de emoções e sentimentos, com autonomia, conseguindo ser protagonistas de suas vidas, é vislumbrar o efeito fantástico que o entendimento contextualizado de obras, músicas, imagens, poemas... podem trazer.

E mais que isso, é conseguir olhar a vida de outra forma, a que não nos é imposta, é ser autossuficiente no sentido

de se sentir pertencente e criador de algo, ser alguém de fato e não somente mais um na multidão.

Possibilidades que são possíveis de serem construídas perante o aprendizado da Arte, pois ela é capaz de potencializar o senso crítico, a ação criativa, por exemplo, e segundo Barroco e Superti (2014, p. 26) a arte, com sua estrutura específica, carrega um legado humano; por meio dela o sujeito vivencia experiências alheias, que não seriam possíveis na sua vida particular, enriquecendo seu próprio repertório, sua visão de mundo e humanidade.

Se o objetivo principal da educação é formar cidadãos emancipados e atuantes, o investimento em Arte e no seu ensino deve ser gigantesco, a proporção de consequências positivas que ocorrem através de um ensino holístico e voltado ao desenvolvimento integral das crianças é enorme.

Talvez, esse seja o maior problema, até que ponto é de serventia ao nosso país que tenhamos crianças pensantes? Até que ponto ter contato com as verdades e com tudo que temos nos nossos “bastidores” que envolvam política, questões sociais e econômicas, é de fato relevante? Nós *formamos* cidadãos ou *moldamos* cidadãos? O medo por parte de alguns membros da sociedade talvez seja o maior impasse para que tudo que foi refletido até aqui ocorra de fato.

Vale a pena pensar sobre o porquê que muitas vezes o professor, até de forma inconsciente, acaba replicando esse formato de ensino “tradicional” em sala de aula. Seria importante que antes de se analisar diretamente a relação do ensino com os alunos, se desse “um passo para trás”, para que haja então a compreensão da relevância da formação do professor.

Será que, durante sua formação inicial, o professor teve contato com metodologias ativas, curadoria, aprendeu sobre o ensino holístico? Ou esse

profissional também foi “reduzido” a mero expectador e reproduzidor em sua formação?

Capacitar educadores é uma urgência se almejamos pensar em uma “renovação” educacional, pois não se pode exigir que esses profissionais desenvolvam um repertório pautado no senso crítico, na subjetividade, entendam a Arte como instrumento de capacitação e potencialização, se eles foram privados do contato e do aprendizado a partir desses mesmos elementos.

REFERÊNCIAS

ALVES, É. S. Educação holística: a educação que recebemos. 2016. Disponível em: <<https://portal.fslf.edu.br/wp-content/uploads/2016/12/tcc3-8.pdf>> Acesso em: 08 nov. 2020.

BARBOSA, A. M. Arte-Educação no Brasil. 7ª Ed. São Paulo. Perspectiva. 2012.

BARBOSA, A. M. Arte-Educação no Brasil: realidades de hoje e expectativas futuras. 1989. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141989000300010&lng=pt&tlng=pt.> Acesso em: 05 dez. 2020.

BARROCO, S. M. S; SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/pdf/psoc/v26n1/04.pdf>>. Acesso em: 08 maio 2021.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/imagens/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC, 1998. Disponível em:

<<https://cptstatic.s3.amazonaws.com/pdf/cpt/pcn/volume-07-arte.pdf>>. Acesso em: 11 maio 2021.

CAVA, L. C. S. C; BATINI, O. Leitura imagética: uma proposta de curadoria educativa nas oficinas pedagógicas de arte de escolas municipais com jornada ampliada. 2014. Disponível em: <<https://pdfslide.tips/documents/leitura-imagetica-uma-proposta-de-curadoria.html>> Acesso em: 21 dez. 2020.

FERRARI, M. Lev Vygotsky, o teórico do ensino como processo social. 2008. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/382/lev-vygotsky-o-teorico-do-ensino-como-processo-social>>. Acesso em: 10 maio 2021.

GUARÁ, I. M. F. R. Educação e desenvolvimento integral: articulando saberes na escola e além da escola. Em Aberto, Brasília, v. 22, n. 80, p. 65-81, abr. 2009.

MARTINS, M. C. et al. Curadoria educativa: inventando conversas. Reflexão e Ação – Revista do Departamento de Educação/UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 14, n. 1, p. 9-27, jan./jun. 2006.

MOREIRA, A. M. Dissertação: A Arte na educação escolar: entre concepções e práticas. UNISANTOS. 2015. Disponível em: <<http://biblioteca.unisantos.br:8181/bitstream/tede/1541/2/ANA%20MARCIA%20AKAUI%20MOREIRA.pdf>>. Acesso em: 12 abril 2021.

PAGANOTTI, I. Vygotsky e o conceito de zona de desenvolvimento proximal: para Vygotsky, o segredo é tirar vantagem das diferenças e apostar no potencial de cada aluno. 2011. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1972/vygotsky-e-o-conceito-de-zona-de-desenvolvimento-proximal>>. Acesso em: 10 maio 2021.

PERES, J. R. P. Questões atuais do Ensino de Arte no Brasil: o lugar da Arte na Base Nacional Comum Curricular. 2017. Disponível em: <<https://www.cp2.g12.br/ojs/index.php/revistaddav/article/view/1163/859>> Acesso em: 02 dez. 2020.

PIMENTEL, L. G; MAGALHÃES, A. D. T. V. Docência em Arte no contexto da BNCC: é preciso reinventar o ensino/aprendizagem em Arte? Revista GEARTE, Porto Alegre, v. 5, n. 2, p. 220-231, maio/ago. 2018.

SILVA, T. G da; LAMPERT, J. Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no contexto brasileiro. Revista Matéria-Prima. Vol. 5. p. 88-95. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28262/2/UL-FBA_MatPrima_V5N1_p.88-95.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.

SILVA, K. R. da; LIRA, A. J. G. de; Caminhos e perspectivas para a inserção da

arte na educação infantil frente aos desafios postos a prática pedagógica na sala de aula. In: EDUCERE – XIII Congresso Nacional de Educação. p. 1-10, 2017.

SANTOS, A. S. L. dos. Monografia: Pedagogia Holística: um novo olhar na educação. Pedagogia ao Pé da Letra, 2012. Disponível em: <<https://pedagogiaaope-dalettra.com/monografia-pedagogia-holistica-um-novo-olhar-na-educacao/>>. Acesso em: 12 abr. 2021.

TREVISAN, R. O que diferencia a BNCC para a educação infantil do DCNEI e do RCNEI? De acordo com a Base, a criança agora é a protagonista da aprendizagem. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/57/o-que-diferencia-a-bncc-para-a-educacao-infantil-do-dcnei-e-do-rcnei>>. Acesso em: 11 maio 2021.

ZAMBONI, S. Pesquisa em Arte: um paralelo entre Arte e Ciência. 4ª Ed. Campinas, SP. Autores Associados. 2012.